

# *A FORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DO COOPERATIVISMO AUTOGESTIONÁRIO*

TRAINING AS A WAY TO STRENGTHEN SELFMANAGEMENT COOPERATIVISM

LA FORMACIÓN COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMIENTO DEL COOPERATIVISMO AUTOGESTIONARIO

## **Cledir Assisio Magri**

Doutorando em Filosofia da Economia pela UNISINOS, Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo, pós-graduado em Direitos Humanos pelo IFIBE e em Desenvolvimento Regional e Cooperativismo de Crédito pelo IMED. Pós-Graduado em Gestão de Cooperativas de Crédito pela UNOESC de Chapecó. Graduado em Filosofia - IFIBE. Atualmente é Presidente da Cresol Confederação e assessor da Central Cresol Sicooper.

## **Ivanio Dickmann**

Historiador e Mestre em Serviço Social pela PUC-SP. Pós-Graduado em Gestão de Políticas Públicas e Projetos Sociais. Possui Certificação Internacional em Gestão de Projetos PMD-Pro1. Editor Chefe da Editora Diálogo Freiriano. Assessor e Mentor de Organizações Não-Governamentais. Foi presidente da COOHABRAS - Cooperativa Habitacional Central do Brasil por dois mandatos ([www.coohabras.org.br](http://www.coohabras.org.br)). Estudioso de Paulo Freire e da Educação Popular, bem como da Economia Solidária, Cooperativismo e Negócios Sociais.

## **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo discutir a formação e capacitação para membros de organizações sociais na área do cooperativismo. Com base na metodologia de Paulo Freire, a proposta se funda na perspectiva da formação como elemento fundante e fundamental, no intuito de garantir e possibilitar o fortalecimento do cooperativismo na sua essência, nos seus princípios e na sua missão. O trabalho discute, também, as possibilidades e os limites do processo formativo na área do cooperativismo. A partir destas ações formativas pretende-se buscar o desenvolvimento e o fortalecimento das lideranças e dos seus membros no processo do cooperativismo. Conclui-se que com o processo formativo, se obtém uma aproximação maior entre os cooperativados e uma aglutinação no sentido de somar forças para alcançar os objetivos da cooperativa, pois eles se conscientizam de que o caminho do cooperativismo e do associativismo é o adequado para a conquista daquilo que os cooperativados se propõem.

**Palavras-chave:** Cooperativismo; Associativismo; Formação de liderança; Educação Popular.

## **ABSTRACT**

This paper aims to discuss training and capacity building for members of social organizations in the area of cooperativism. Based on the methodology of Paulo Freire, the proposal is based on the perspective of training as a founding and fundamental element, in order to guarantee and enable the strengthening of cooperativism in its essence, principles and mission. The paper also discusses the possibilities and limits of the training process in the area of cooperativism. From these training actions we intend to seek the development and strengthening of leaderships and their members in the process of cooperativism. It is concluded that with the training process, a greater proximity between the cooperative members is obtained and an agglutination in the sense of adding forces to reach the objectives of the cooperative, since they become aware that the path of cooperativism and associativism is adequate for conquering what cooperative members aim to achieve.

**Keywords:** Cooperativism; Associativism; Leadership training; Popular Education.

## **RESUMEN**

Este trabajo tiene como objetivo discutir la formación y capacitación para miembros de organizaciones sociales en el área del cooperativismo. Sobre la base de la metodología de Paulo Freire, la propuesta se fundamenta en la perspectiva de la formación como elemento fundacional y fundamental en la intención de garantizar y posibilitar el fortalecimiento del cooperativismo en su esencia, en sus principios y en su misión. El trabajo discute, también, las posibilidades y límites del proceso formativo en el área del cooperativismo. A partir de esas acciones formativas, se pretende propiciar el desarrollo y el fortalecimiento de los liderazgos y de sus miembros en el proceso del cooperativismo. Se concluye que, con el proceso formativo, se logra una mayor cercanía entre los integrantes de la cooperativa y su aglutinación en el sentido de sumar fuerzas para el logro de los objetivos propuestos, pues crean conciencia sobre el hecho de que el camino del cooperativismo y del asociativismo es el adecuado para la conquista de lo que se proponen como meta.

**Palabras-clave:** Cooperativismo; Asociativismo; Formación de liderazgo; Educación Popular.

## **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Em todas as organizações sociais o processo de formação apresenta-se como importante instrumento na busca de qualificar as intervenções desenvolvidas pelas entidades. A formação desenvolvida com uma metodologia adequada permite ampliar e melhorar processos organizacionais.

Acreditamos que toda organização precisa de formação e capacitação para os membros que a compõe, pois caso contrário incorre em estagnar e fragmentar as ações podendo perder seu foco de atuação pela estagnação no tema do conhecimento por parte dos seus membros.

A partir desta afirmação é que desenvolveremos na reflexão que segue um conjunto de aspectos referentes à necessidade e importância de formação para o fomento do cooperativismo. Pretendemos apontar um conjunto de avanços importantes dentro das cooperativas na medida em que aconteçam processos formativos com os sujeitos envolvidos.

Taremos para o debate alguns aspectos do construto teórico de Freire, principalmente no que diz respeito a sua metodologia, pois acreditamos que bons processos formativos demandam de bons referenciais teóricos e deste modo Paulo Freire possui expressivas contribuições. Apresentaremos alguns limites e potencialidade no tema da formação na área do cooperativismo.

A tese central deste debate é que o ato formativo é fundamental no intuito de garantir e possibilitar o fortalecimento do cooperativismo na sua essência, nos seus

princípios e na sua missão. Para que isso se efetive é necessária uma metodologia que permita este fortalecimento.

## **A FORMAÇÃO NO SISTEMA COOPERATIVISTA**

Em um processo formativo junto a uma cooperativa, deve-se observar a lógica das relações intersubjetivas passando pelo encontro com os outros, constituindo assim um “estado” de relações. É nesta perspectiva de sujeito em relação com os outros que Freire afirma que: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam juntos mediados pelo mundo” (1977, p. 27). Ou seja, não se trata mais de um educador do educando, nem de um educando do educador, mas de um educador-educando com um educando-educador. Portanto, nos encontros de formação os assessores(as) buscam implementar esta premissa da construção conjunta do conhecimento a partir dos saberes distintos.

Segundo Freire, as relações possuem características próprias de quem pensa:

[...] sobre um ato. Existe uma reflexão do homem face à realidade. O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns, por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade. (1981, p. 30).

Com esta afirmação, conclui-se que o processo formativo deve buscar a formação de sujeitos críticos e conscientes com a sua realidade social, buscando construir um cooperativismo que atenda às necessidades dos seus cooperativados. Por isso a necessidade de sempre buscar partir da realidade dos sujeitos envolvidos no processo para fazer os debates temáticos. Prova disso é que as cooperativas de crédito problematizam a falta de acesso aos serviços financeiros de seus cooperativados. Já as cooperativas de habitação debatem o déficit habitacional e as causas que excluem seus membros da moradia. Cada ramo do cooperativismo tem se dedicado, em seus processos formativos, ao campo de problema a que está ligado e propõe nestes mesmos momentos de formação, as saídas dos problemas de forma coletiva e coletivizante, de forma cooperativa.

No momento que o ser humano entende e compreende a sua realidade, pode então começar a levantar problemáticas referentes à sua realidade e conseqüentemente buscar soluções e respostas. No momento que chegar a tal estado, terá elementos suficientes para começar a entender a sua própria ação e reflexão, reconhecendo-se um ser inacabado, de relações e vocacionado a ser mais. Esta é a concepção de sujeito em Paulo Freire. Neste sentido, o ser humano desenvolve o processo de liberdade, baseando-se nos seguintes princípios, (FREIRE. 1981, p.40):

**Analisa com profundidade os problemas do dia-a-dia. Não se satisfaz com as aparências que lhe são mostradas:** Esta capacidade de análise dos problemas cotidianos é fruto da aprendizagem dos processos de formação na cooperativa, uma vez que antes os seres humanos, envoltos nas aparências impostas, estavam imunes a possibilidade de mudança. Os momentos pedagógicos das cooperativas são instrumentos de mudança social, pois alteram o estado de consciência do ser humano e o colocam noutra dinâmica, a da descoberta de novas possibilidades de vida e de mundo.

**Reconhece que a realidade é mutável, que não é algo dado e acabado, mas é suscetível a mudanças e transformações:** A realidade já é percebida como algo elaborado por ele próprio e pelos outros. Sendo algo elaborado por alguém, traz em si, os objetivos desta elaboração. Portanto se os objetivos destas pessoas mudam, a realidade também pode mudar. Então, participando e acreditando em um projeto cooperativista inclusivo, pode-se, junto com outros que compartilham dos mesmos ideais, construir uma nova realidade. Mudar e transformar a realidade é uma possibilidade real, uma vez que a realidade não é mais algo inerte e impossível de ser alterada.

**Substitui situações ou explicações mágicas por princípios autênticos de causalidade:** A compreensão das coisas do mundo e da vida, torna o ser humano capaz de compreender aquilo que ele não presenciou. Os fatos são compreendidos dentro de uma lógica mais complexa, pois os indivíduos conseguem, agora, identificar o efeito pela causa, mesmo que esta não esteja mais evidente. Isto demonstra um avanço na capacidade de leitura da

realidade. Uma transividade, como diria Freire, da consciência mágica e ingênua, para a consciência crítica. Esse deve ser um dos objetivos centrais da pedagogia cooperativista.

**Procura verificar ou testar as descobertas; está sempre disposto a rever suas ações:** A transição para um campo de consciência crítica não isola nem imobiliza a capacidade do ser humano de repensar suas posturas. Atingir um nível de criticidade da realidade não significa participar de uma ideologia sectária. Muito antes, pelo contrário, significa alcançar a capacidade de tornar-se uma “metamorfose ambulante”, pois se o nosso mundo necessita de constantes ajustes, o ser humano também. Estas alterações necessárias para a construção do novo mundo-político não tornam os indivíduos volúveis. São alterações em função do projeto de mundo e não alterações interesseiras de pseudo convicções ideológicas.

**Ao deparar-se com um fato, faz o possível para se livrar dos preconceitos. Ama o diálogo, e nutre-se dele:** A exclusão dos oprimidos é fruto do preconceito para com eles. Não pode então, repetir tal atitude diante dos fatos, uma vez que se libertou desta opressão. Neste caso a postura é dialógica. Diálogo para Freire é a pronúncia amorosa de um novo mundo. O ser humano crítico dialoga sobre os fatos, não impõe sua verdade sobre os outros. Anuncia suas concepções para ser analisado pelos interlocutores. Isto provoca uma nova situação, onde seres pronunciam juntos uma nova síntese, uma construção feita numa nova linguagem respeitosa e amorosa, sem imposições de qualquer parte. O diálogo, como concebido por Freire, pronunciará o novo mundo mais igual e cooperativo.

**Possui grande abertura ao novo, sem ser arrogante ao velho por ser velho:** Quem experimenta o novo estará sempre aberto às novidades. Pois o novo, aqui, significa um mundo melhor para todos e todas, onde não haverá mais uma opressão que massifique e prejudique os mais pobres, os negros, e as mulheres. Naturalmente o que é velho e que serviu de instrumento de opressão não cabe mais a quem fez esta nova experiência libertária. Na opção assumida de abertura ao novo, o ser humano respeita o que é velho, sem reproduzir atitudes de arrogância e ofensa. Apenas foca na sua nova trajetória de

construção do mundo onde o novo se consolida como o projeto de sociedade e de ser humano.

**Ama a justiça e a prática:** O ser humano em processo de liberdade descobre na justiça uma bandeira fundamental para servir de base da nova sociedade que deseja ver construída no seu projeto de mundo. Assim sendo, a justiça é um exercício cotidiano na vida daqueles que pronunciam um mundo mais igual. É uma aproximação amorosa que resulta em uma prática de vida que não oprime mais, que é mais equânime, que garante a todos os direitos fundamentais na vida. Assim se pensa e assim se faz.

**Luta por um ideal de vida e é coerente a ele:** O que era externo ao ser humano no início desta reflexão agora se encarna e se torna parte dele. A sua evolução em relação às análises da realidade se materializam em projeto de vida. Transmutam-se em ideal. Sendo agora um projeto, precisa de uma execução para tornar-se realidade concreta. A coerência com os ideais impulsiona o ser humano para uma prática que ganha força social pois é percebida pelos demais como algo portador de verdade, uma vez que se torna perceptível a consonância do que é dito com o que é feito. Este projeto transcende o ser humano e se torna, então, um projeto de sociedade.

Para Freire, a autorreflexão contribui na construção da liberdade política e da participação social, pois não se trata de uma liberdade descomprometida com o mundo, com a realidade, mas pelo contrário, trata-se de uma liberdade que impulsiona o sujeito ao compromisso político com a transformação social.

Neste sentido Tânia Maria M. Sampaio, escreve no seu artigo sobre “Questão Freriana da educação como práxis político-filosófica” que:

Atinamos que, distanciando-se do seu mundo, problematizando-o, “decodificando-o” criticamente, no mesmo movimento da consciência, o alfabetizando em Freire redescobre-se como sujeito instaurador desse mundo e de sua experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência de si e a consciência do mundo crescem juntas e em razão direta; uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca relação entre conquistar-se, fazer-se mais a si mesmo e conquistar o mundo. Aí a essência humana demonstra sua existência, auto desvelando-se como história. Mas essa consciência histórica, objetivando-se reflexivamente, surpreende-se a si mesma,

passa a dizer-se, torna-se consciência historiadora: o alfabetizando é levado a escrever a palavra escrita em que à cultura se diz e dizendo-se criticamente deixa de ser repetição intemporal do que passou para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é o anúncio e promessa do que há de vir. E isto é práxis Freiriana. (1995, p.83).

No momento que o sujeito começa a conscientizar-se de seu papel no mundo, conseqüentemente assumirá sua função de agente transformador da realidade opressora. Ele passa a ser sujeito de sua história, passa a escrever sua história e ao escrever sua história de forma consciente ele será um sujeito livre e sendo livre estará se comprometendo com a sua realidade concreta. Tal comprometimento é práxis, ação e reflexão, que acontece no exercício de transformação da realidade opressora.

A conscientização do sujeito pela educação faz com que o sujeito se comprometa com a transformação da realidade, buscando a libertação. Desta forma, vemos como a Pedagogia de Freire é uma proposta de libertação para todos os homens oprimidos. Por isso, Freire não é apenas uma caixa de ressonância dos gritos dos oprimidos, mas é portador da mensagem real da libertação dos mesmos. Libertação conseguida através da educação que provoque o educando a conhecer a realidade objetiva e a opressão e agencia o seu processo de libertação em comunhão com os outros. (SIMÕES, 1981a, p. 19).

No processo formativo nos distintos segmentos sociais, bem como no cooperativismo, a escolha da metodologia, do método, do caminho é fundamental no sentido de garantir que a formação tenha o êxito, resultado desejado, esperado em vista de fortalecer a lógica da organização social a partir do cooperativismo.

No nosso trabalho como educador popular, compreendemos a capacitação e a formação como um conjunto de condições que possibilitam aos participantes envolvidos o desenvolvimento e a qualificação de determinadas competências e atitudes. A formação vai além de atividades pontuais como cursos e palestras. Envolve um conjunto de técnicas e dinâmicas a serem utilizadas de acordo com os objetivos da ação formativa.

O horizonte da formação encontra-se no objetivo estratégico do projeto a ser construído e desenvolvido, propondo desenvolver um processo que ajude os sujeitos envolvidos no processo a se construírem e se afirmarem como sujeitos individuais e coletivos nos processos organizativos sociais nos quais fazem parte. Estes sujeitos sociais precisam se capacitar de forma interdisciplinar para agir com autonomia e incidir nos processos sociais. Por outro lado, o conhecimento produzido conjuntamente precisa

ajudá-los a criar/construir atitudes e responsabilidade comprometidas com a transformação social.

Nas cooperativas os processos formativos/pedagógicos são coletivos e por sua vez coletivizam, para garantir uma experiência prática na hora que se aprende a viver de forma cooperativada. Não podemos pregar o cooperativismo e isolar os seres humanos em soluções individuais. Os problemas atacados pelas cooperativas são problemas coletivos, portanto as soluções também precisam ser coletivas. O método de aprendizagem no meio cooperativista para as bases das cooperativas necessita estar em sintonia com o nível de consciência destes cooperativados. Se forem cooperativados iniciantes precisam ser iniciados em processos pedagógicos introdutórios. Se forem cooperativados com mais vivência na cooperativa podem ser mais exigidos quanto a participação e a reflexão sobre a prática cooperativista, podendo também assumir papéis de coordenação e direção na cooperativa.

Assim, queremos afirmar que a pedagogia cooperativista é parte da organização da cooperativa e ajuda esta a se solidificar e se manter em expansão, uma vez que cria, em seu próprio corpo social as lideranças novas para fazer a cooperativa crescer em quantidade e qualidade. Então, não é só uma questão se ensinar ou não os cooperativados, mas sim de garantir ou não a subsistência da cooperativa.

Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido*, afirma: “Dizer que os homens são pessoas, e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa” (Freire, 1970). Assim, a formação e a capacitação têm a finalidade de ajudar e qualificar os sujeitos envolvidos no processo, neste caso os cooperativados têm a função de assumir práticas éticas nas lutas populares, como citado acima.

A essência desta metodologia é fundamentada na educação popular<sup>1</sup>, a qual como um processo de formação e desenvolvimento do ser humano que interage individual e coletivamente, construindo experiências que, sistematizadas, produzem novos conhecimentos. A educação popular é entendida como o processo educativo que contribui para que o povo se constitua como sujeito coletivo, capaz de ser protagonista

---

<sup>1</sup> Cf. Texto produzido pelo CEAP (Centro de Educação e Assessoramento Popular), Caderno II, Projeto de Capacitação de Agricultores e Agricultoras Familiares da Região da Produção do RS. Elaborado por Rene Ceconello com a colaboração de Volmir Brutscher e Valdevir Both, p.12, 2006. Recomenda-se também a leitura do livro *Primeiras Palavras em Paulo Freire* de Ivanio Dickmann e Ivo Dickmann.

na definição e satisfação de suas necessidades imediatas, articuladas com o projeto global de sociedade, visando à construção de hegemonia das classes populares.

O método de educação popular<sup>2</sup> no trabalho com os movimentos sociais, não pode ficar restrito as técnicas empregadas na educação tradicional, se restringindo apenas ao ato de educar como a transmissão de algo acabado e o fornecimento de um banco de dados sem significação para a vida dos educandos. Ao invés disso, o método deve envolver as pessoas no processo de construção do conhecimento, como sujeitos da própria emancipação que se dá dentro de uma perspectiva política de classe e que toma parte ou se vincula à ação organizada do povo para alcançar o objetivo de construir uma nova sociedade.

O processo formativo implica numa estreita relação entre o assessor/educador popular e o público envolvido. Ambos são postos numa relação de coeducação, e, como sujeitos da ação, buscam fundamentalmente dois objetivos. O primeiro é a troca de conhecimentos entre o educador e o público com o qual interage, oportunizando para que as diferentes concepções ou visões de mundo/realidade sejam explicitadas a partir da linguagem, e confrontadas mutuamente e o segundo trata de abrir mediações que facilitem o fluxo de conhecimento, remetendo para um esforço metodológico em que o conhecimento (sempre entendido como processo) tenha canais de trânsito simplificados entre educador e participantes. Este exigente processo de educação ocorre à medida que o educador/assessor e o público envolvido põem em comum os seus conhecimentos e os aprimoram conjuntamente no cotidiano de suas práticas. Sem esta interação permanente não se desenvolvem processos de formação e capacitação.

A educação popular tem a função de contribuir metodologicamente na organização política das classes populares, criando condições para superar o padrão cultural imposto pelas elites. Os movimentos sociais quando têm ousadia criam as condições de produzir uma nova cultura, fundamentada no diálogo intersubjetivo dos agentes políticos, a fim de constituir novos espaços e estruturas sociais calcados na ideia da emancipação popular e do princípio da justiça social.

---

<sup>2</sup> Que parte da realidade dos envolvidos, passa pela produção coletiva (intersubjetiva) de conhecimento e contribui na organização sócio-política dos Sujeitos Sociais Populares.

Assim, a concepção de educação popular a qual estamos nos referindo tem um compromisso político com as classes populares, apontando para a constituição de uma cultura popular que contém no seu cerne a ideia de transformação da atual forma de organização social. Estamos falando, portanto, que a educação popular tem enlaces profundos com o que é chamado de projeto político de sociedade, tendo comprometimento teórico e prático com a emancipação dos sujeitos individuais e coletivos para a libertação do ser humano de qualquer tipo de opressão.

Percebe-se, portanto, que a educação no meio cooperativista supera a pura transmissão de conteúdos. Ela está preocupada com a transformação do cooperativado em um novo ser humano. Pois, sem um novo ser humano capaz de refletir sobre os problemas que ele tinha antes de participar do projeto coletivo, a cooperativa perde sua razão de ser e também perde seus apoiadores que não conseguiriam perceber que a cooperativa solucionou seus problemas porque construiu soluções fora da lógica cotidiana excludente.

## **LIMITES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DAS COOPERATIVAS**

Apesar de termos a clareza da importância dos processos formativos no intuito de fortalecer o cooperativismo, isso não nos exime de apontarmos o conjunto de limites que muitas vezes é percebido no decorrer da formação nos diferentes segmentos sociais e nas cooperativas não é diferente. A partir das experiências vivenciadas com cooperativas, apesar de toda compreensão da importância da formação e capacitação no sentido de garantir um processo consistente e sólido em vista das conquistas dos objetivos a qual a cooperativa se propõe é notório que em alguns casos a formação acaba não sendo a prioridade dentro do processo. Ou seja, não é dada a devida atenção para este tema que acaba tornando-se secundário diante da infinidade de ações que precisam ser desenvolvidas e a partir desta premissa coloca-se em jogo um processo social importante, devido à escolha de foco que é feita.

Esta escolha é feita pelas pessoas que coordenam o processo, neste caso a direção da cooperativa, pois o foco acaba sendo outro, também importante, mas devido à ausência da formação acaba sendo mais difícil de ser alcançado. Neste caso o foco no

objetivo suplanta o método que tornaria possível realizá-lo. O antídoto para este erro seria um planejamento estratégico mais consistente fazendo com que as lideranças percebam que para a consecução dos objetivos sociais da cooperativa é necessário um campo mais amplo de ações, entre elas está o processo de formação como instrumento de solidificação dos princípios cooperativistas.

Atrelado a estes limites, percebe-se em alguns casos que quando a formação é assumida pela coordenação da cooperativa, devido à falta de uma metodologia adequada, que dialogue com a realidade, o processo formativo teoricamente pode acontecer, mas não terá o êxito, o retorno, o resultado esperado. Pois não aglutinou os elementos necessários no sentido de garantir um processo participativo, que prime pela construção do conhecimento de forma conjunta e coletiva, sendo o assessor e o educador juntamente com educando, o cooperativado, sujeitos do saber, e sujeitos do conhecimento. O antídoto neste caso é ter o processo de formação sendo conduzido por um Educador Popular capacitado para esta tarefa. Da mesma forma que nem todos os cooperativados estão preparados para assumir a presidência da cooperativa, a diretoria pode não ser capaz de conduzir processos de Educação Popular com seus cooperativados. Uma equipe pedagógica é obrigação das cooperativas. Um princípio do cooperativismo é a educação cooperativista.

Em alguns casos o tema da formação está presente no planejamento das ações da cooperativa, mas acaba não sendo executado por diferentes motivos, que vai desde a falta de tempo, de recursos, de prioridade, de articulação e com o passar do tempo a formação não acontece. Temos que entender que a formação no processo cooperativo não se restringe ao espaço do encontro próprio para a formação, pois o processo, a organização em si, é uma ação formativa, mas o que estamos apontando é a necessidade de momentos e espaços específicos para o aprofundamento de temas geradores que visam aprofundar e qualificar o processo. É muito importante não criarmos a ilusão de que os cooperativados vão, em momentos determinados, sentar em uma sala de aula para participar da formação da cooperativa.

O antídoto para este problema é a inovação nos canais de formação. Cada gesto da cooperativa tem que ser pensado de forma pedagógica, pois um panfleto poderá surtir mais efeito do que um livro para alguns, entretanto outros, poderão se aprofundar

mais com uma cartilha, ou um vídeo, um programa na rádio local, ou um calendário informativo e assim por diante. De qualquer forma, será preciso criar espaços sistemáticos onde o Educador possa criar uma problematização sobre todos estes materiais a fim de aprofundar e consolidar o conhecimento.

Outro limite percebido nos processos de formação das cooperativas é o pouco envolvimento de todos os cooperativados, o que acaba gerando o descomprometimento destes com a cooperativa, pois a formação deve despertar nos cooperativados o sentimento de pertencimento, porque é importante sentir-se parte da cooperativa e não alguém externo ou paralelo a ela. As lideranças cooperativistas não precisam se preocupar com a quantidade inicial de membros nos momentos de formação. Precisam elaborar estes momentos de maneira que eles sejam atrativos e dinâmicos no dia da formação e que se tornem replicáveis pelos participantes, ou seja, que eles saiam dos espaços de formação da cooperativa contando para seus amigos, parentes, vizinhos e colegas de trabalho o que aprenderam. Isso só acontecerá se ele compreendeu os temas que foram trabalhados no momento pedagógico e se ele acha pertinente à vida dos seus interlocutores.

O nosso objetivo neste primeiro momento foi apresentar alguns dos principais limites existentes nos processos formativos das cooperativas e, em muitos casos, a ausência da formação, o que torna ainda mais grave a situação ao percebermos que tais situações prejudicam o fortalecimento e a expansão do cooperativismo como um todo. O desafio lançado às cooperativas é superar estes obstáculos de forma criativa para consolidar cada vez mais o sistema cooperativista.

## **POTENCIALIDADES NO PROCESSO FORMATIVO NAS COOPERATIVAS**

No item anterior socializamos alguns dos limites que são percebidos com frequência na formação dentro das cooperativas. O objetivo neste item é o de dialogar sobre os pontos fortes quando nos reportamos ao tema da formação dentro das cooperativas e seus respectivos desdobramentos.

Uma primeira afirmação importante é o fato de que diante das experiências que vivenciamos em todas as situações onde houve uma formação permanente e

aprofundada, os resultados são perceptíveis dentro do processo. Fica evidente que a formação possibilita um conjunto de mudanças e transformações que geram a qualificação do processo e respectivamente o fortalecimento da ação da cooperativada.

No Sistema Cresol (Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária) o processo foi sendo construído e desenvolvido de forma conjunta e participativa, e percebeu-se um aumento e um comprometimento com a participação das ações, pois estes começaram a se perceber como atores sociais do projeto e não como meros espectadores, o que os torna comprometidos e engajados com as ações da cooperativa.

Nas cooperativas habitacionais, depois de um processo de três etapas de formação para as Diretorias e para as assembleias mensais, notou-se claramente a inserção e participação mais efetiva dos cooperativados nos processos internos da cooperativa, como os eventos de arrecadação de fundos, ocupação de cargos de direção e fiscalização e multiplicação da cooperativa junto à comunidade.

Na medida em que o processo de formação vai sendo desenvolvido percebeu-se o aumento da participação nas assembleias tanto quantitativo, mas acima de tudo uma participação qualitativa, pois os cooperados começaram a ser mais proativos e propositivos visando construir ações que viessem ao encontro dos anseios da cooperativa.

A formação deve ser planejada de forma permanente e em diferentes escalas de acordo com o papel e responsabilidade de cada um dentro da cooperativa, isso porque a responsabilidade da coordenação é diferente do papel dos cooperativados em geral.

O processo de formação deve acontecer com a direção, com os colaboradores, com as lideranças e com os cooperativados em geral, na medida em que a formação avança e se expande nos diferentes segmentos, com o planejamento para cada um deles, observa-se significativos avanços nestes segmentos e tais avanços se refletem no desenvolvimento e nos trabalhos que são feitos por estas cooperativas.

Trata-se de um conjunto de ações que são desenvolvidas dentro das cooperativas e a partir destas ações formativas pretende-se buscar o desenvolvimento e o fortalecimento do cooperativismo. O que se percebe é que com a formação das lideranças das cooperativas, a participação na vida e dinâmica da cooperativa tem

aumentado de forma significativa, fazendo com que estas lideranças passem a incidir de forma mais direta nas atividades desenvolvidas pela cooperativa.

Na medida em que as cooperativas se desafiam a construir e pensar ações formativas para os sujeitos envolvidos no processo sendo fiéis a um dos sete princípios do cooperativismo que trata exatamente da formação, educação e informação, ou seja, é missão e função do cooperativismo fazer com que seus cooperativados possam receber formação, capacitação e informações e que este processo lhes traga primeiramente a qualificação pessoal e esta qualificação possa ser colocada a serviço da cooperativa no sentido de garantir o seu fortalecimento.

É fundamental que as cooperativas promovam a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Este processo formativo deve despertar nos membros da cooperativa a percepção das vantagens da cooperação de tal maneira que eles se sintam responsáveis por transmitir esta boa notícia àqueles que os rodeiam no dia-a-dia, desta forma estaremos multiplicando o cooperativismo através de um testemunho seguro dos cooperativados que tiveram suas vidas transformadas por alguma cooperativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das experiências vivenciadas com cooperativas, apesar de toda compreensão da importância da formação e capacitação no sentido de garantir um processo consistente e sólido em vista das conquistas dos objetivos a qual a cooperativa se propõe é notório que em alguns casos a formação acaba não sendo a prioridade dentro do processo. Ou seja, não é dada a devida atenção para este tema que acaba tornando-se secundário diante da infinidade de ações que precisam ser desenvolvidas e a partir desta premissa coloca-se em jogo um processo social importante, devido à redução de ações em detrimento da escolha de foco que é feita.

Com a formação obtivemos uma aproximação maior entre os cooperativados e uma aglutinação no sentido de somar forças em vista de alcançar o objetivo no qual a cooperativa se propõe, pois, estes conscientizam-se que o caminho do cooperativismo e

do associativismo é o adequado em vista da conquista daquilo no qual os cooperativados se propõem.

A prática educativa, sob orientação de Educadores Populares, oportuniza a apropriação do conhecimento, possibilitando desenvolver instrumentos de crítica a esse conhecimento e capacitando a produção de novos saberes a partir da análise da realidade em questão. Este processo tem em si a capacidade de assegurar uma ação transformadora, superando o dogmatismo e a retransmissão de verdades prontas.

Com os processos formativos desenvolvidos nos diferentes segmentos sociais e, dentre eles no cooperativismo, buscamos de forma permanente despertar nos sujeitos envolvidos no processo o compromisso para que estes sejam os protagonistas da história. O trabalho está pautado pela lógica da construção do saber de libertação para a emancipação do povo, afirmando os direitos humanos e valorizando a cidadania.

Deste modo um dos pressupostos importantes é de que o conhecimento é algo que se constrói coletivamente a partir da realidade e da vivência cotidiana, sendo o sujeito da educação o próprio educando. A formação construída sobre estes princípios estimulará o chamado “trabalho de base”, para que toda a ação seja de fato enraizada no meio do povo e que reflita efetivamente a vontade da população envolvida.

Sendo assim, estaremos construindo um processo formativo que possibilite de forma efetiva o fortalecimento do cooperativismo e com este fortalecimento a construção de novas formas de relações sociais em que o ser humano seja o centro - e não o lucro e o capital - como muitas vezes percebemos na nossa realidade. Para que isso efetivamente aconteça antes de qualquer coisa há a necessidade de se dar conta da importância da formação e a partir disso fazer dela uma bandeira de luta e organização social de forma permanente, principalmente pelo cooperativismo nas suas mais distintas áreas.

Sem um processo formativo (assessoria sistemática, problematização constante e diálogo sobre as soluções coletivas) as cooperativas se prendem aos seus limites e não conseguem fazer a superação dos problemas que se propõe atacar, ficando sempre relegadas a tentativas locais ou regionais sem capacidade de mudanças sistêmicas na sociedade.

É preciso assumir a responsabilidade que o conhecimento impõe e capacitar Educadores Populares para um amplo processo pedagógico no meio cooperativista nacional para consolidar e multiplicar cooperativas de todos os ramos pelo nosso país, tornando-o o país da cooperação.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRUTSCHER, Volmir José. Educação e Conhecimento em Paulo Freire. Passo Fundo: Berthier, 2005.

BITTENCOURT, Gilson Alceu. Cooperativismo de Crédito Solidário: Constituição e funcionamento. São Paulo: Kingraf, 2000.

BITTENCOURT, Gilson Alceu. Cooperativas Crédito Solidário: Constituição e funcionamento. Brasília, DF: Lid, 2001.

BUCCI, Maria Paula Dallari. Cooperativas de habitação no Direito brasileiro. São Paulo: Saraiva, 2003.

BÚRIGO, Fabio Luiz. Finanças e Solidariedade: uma análise do cooperativismo de crédito rural solidário no Brasil. 2006. 375 f. Tese de doutorado – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BÚRIGO, Fábio Luiz. Cooperativa de Crédito Rural: agente de desenvolvimento local ou banco comercial de pequeno porte? Chapecó: Argos, 2007.

Cresol Central SC/RS. Mapa de localização. Disponível em: <http://www.cresolcentral.com.br>. Acesso em 17 de junho de 2009.

CERVO, Armando Luis. BERVIAN, Pedro Alcindo. Metodologia Científica. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DICKMANN, Ivanio (Org.). Construindo cidadania: cooperativas de habitação, políticas públicas e educação popular. Passo Fundo, RS: Battistel, 2008. (Coleção Sistematização do Habesol; 01).

DICKMANN, Ivanio e DICKMANN, Ivo. Como Organizar uma Cooperativa de Habitação. Passo Fundo, RS: Battistel, 2009.

DICKMANN, Ivanio e DICKMANN, Ivo. Primeiras Palavras em Paulo Freire. Passo Fundo, RS: Battistel, 2008.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria da Prática da Liberdade*. São Paulo: Cortez Editora, 1979.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *A Educação contra a Educação: o esquecimento da educação e a educação permanente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

INSTITUTO TÉCNICO DE CAPACITAÇÃO E PESQUISA DA REFORMA AGRÁRIA - ITERRA. *Paulo Freire: um educador do povo*. 2 ed. Veranópolis: Gráfica e Editora Peres, 2001.

LOTTA, Gabriela; MARTINS, Rafael. *Capital social e redes sociais: uma alternativa para análise da política da política pública de educação em Icapuí – CE*. Rio de Janeiro: Anpad, 2004.

PACHECO, Pedro Paulo. *Condições para constituição de cooperativas de Crédito. Seminário de Crédito Rural Cooperativo: “Perspectivas e Desafios” (1994/Florianópolis)* Coletânea dos trabalhos apresentados no Seminário. Florianópolis, Cepagro, Sicredi-SC, CCA/UFSC, 1996.

PAULI, Jandir. *Gestão em Desenvolvimento Rural e Cooperativismo de Crédito Solidário*. Artigo publicado no Seminário “O papel do crédito no desenvolvimento da Agricultura Familiar: os desafios institucionais da CRESOL”. Chapecó: CRESOL, 2008.

PINHEIRO, Marcos Antonio Henriques. *Cooperativas de Crédito: História da evolução normativa no Brasil*. 5ª ed. Brasília: BCB, 2007.

TORRES, Carlos Alberto. *Leitura Crítica de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1981.

SAMPAIO, Tânia Maria Marinho. *Educação e Filosofia. A questão Freireana da Educação como Práxis Político-filosófica*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1995.

SIMÕES, J. Jorge *Educação Crítica e seu método*. São Paulo: Loyola, 1981.

VENTURA, Elvira Cruvinel Ferreira; FILHO, Joaquim Rubens Fontes; SOARES, Marden Marques. *Governança Cooperativa: diretrizes e mecanismos para fortalecimento da governança em cooperativas de crédito*. Brasília: BCB, 2009.